

# Agora

NÚMERO 33 domingo, 14 de julho 2024

JORNAL LABORATÓRIO  
DO CURSO DE CIÊNCIAS  
DA COMUNICAÇÃO / JORNALISMO  
UNIVERSIDADE DA MAIA - UMAIA

## TESTEMUNHOS DE ABRIL

CABO DESOBDIENTE PÁG. 3

EDUARDO GAGEIRO PÁG. 5

RICARDO PEREIRA PÁG. 7

EX-PIDE PÁG. 8

CRIADA DE SALAZAR PÁG. 12

JOAQUIM FURTADO PÁG. 13



*Abril de 1974 em imagens  
de Ricardo Pereira*

## linha curva

### A FLOR DO JORNALISMO NA LAPELA

Luíz Humberto Marcos

Incrustada na pele do país, a data entra nos poros das calçadas, das paredes, do vento, do sonho.

25 de abril cheira a utopias, flores e vontades. De transformação, amizade, justiça, igualdade. E sobretudo cheira a liberdade, uma flor que não existe; que deve ser construída pela memória coletiva de quem quer um mundo melhor, mais justo, mais fraterno.

Foi à volta desta flor que não existe, que se quis construir este jornal especial.

Um Ágora feito de flores livres e discursos, de frases, ideias, palavras. E imagens.

O tempo constituiu um marcador da ação: 50 anos de Abril.

Foi este o mote.

E os alunos, jovens com a flor do jornalismo na lapela, foram à procura de histórias.

Sobre o 25 de Abril de 1974.

Do antes e do depois.

Porque os tempos conjugam-se.

Convergem e divergem.

O resultado cumpre aquilo que é a matriz do jornalismo: a novidade.

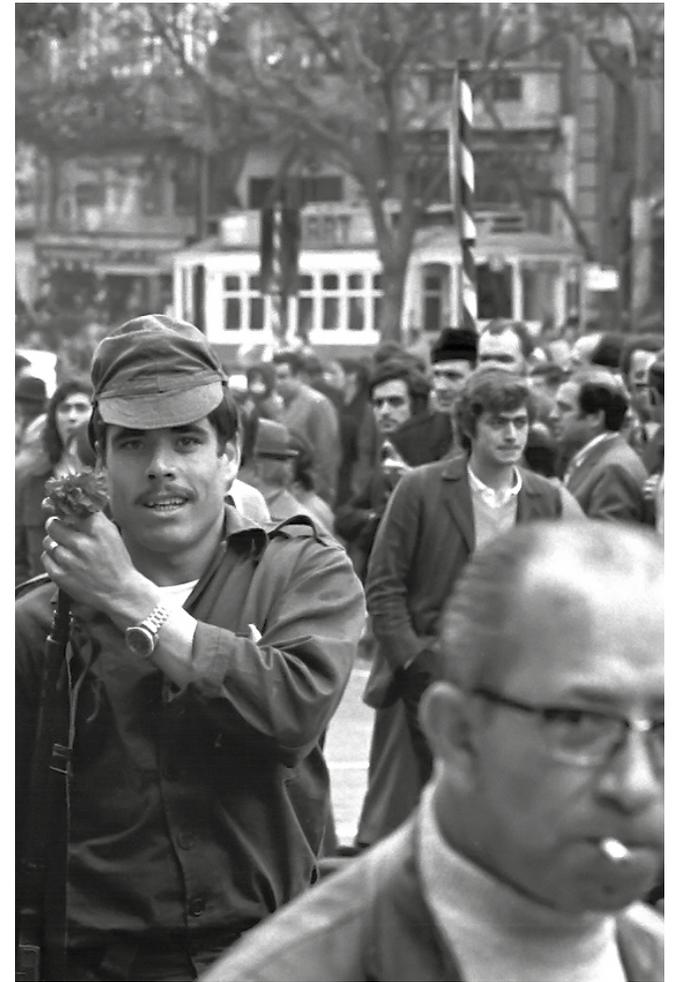
Nas esquinas dos discursos... vários protagonistas.

Desde o centro nevrálgico da revolução, até zonas longínquas da diáspora.

Factos e pontos de vista.

Passado e presente.

Com olhares sobre o futuro.



Soldados alegres celebram o 25 de Abril pelas ruas do Porto. 1974. Os cravos empunhados nas armas simbolizam a revolução. Uma das maiores conquistas foi a liberdade de expressão. Os jornalistas proclamam-na: “Querem servir o povo”.

**Ágora**  
DIGITAL

<https://www.umaia.pt/ensino/oferta-formativa/licenciaturas/ciencias-da-comunicacao/jornal-agora>

#### FICHA TÉCNICA

EDITOR: Luíz Humberto Marcos

COORDENAÇÃO: Catarina Meireles, Diana Ferreira, Gonçalo Mendes, Maria Silva, Sofia Ferreira, Sofia Fontes.

EQUIPA DE EDIÇÃO: Alexandre Lopes, Catarina Meireles, Gonçalo Mendes, Maria Silva, Sofia Fontes.

REDAÇÃO: Afonso Pereira, Afonso Soares, Alice Sousa, Ana Costa, Beatriz Rocha, Beatriz Viana, Camila Félix, Carlos Felício, Carlota Gonçalves, Carolina Freitas, Catarina Meireles, Catarina Moreira, Diana Ferreira, Diana Fumega, Eduardo Almeida, Fábio Matos, Francisco Fernandes, Gabriel Viana, Gaspar Cardoso, Gonçalo Mendes, João Andrade, João Silva, Luís Ferreira, Luíza Boldescu, Luísa Silva, Maria Freitas, Maria Ribeiro, Maria Silva, Mariana Ferreira, Mariana Nova, Matilde Cardoso, Matilde Gomes, Paula Monteiro, Pedro Silva, Rafael Pereira, Raquel Monteiro, Sara Lopes, Sofia Baptista, Sofia Ferreira, Sofia Fontes, Tiago Mota, Vasco Tato.

MATRIZ GRÁFICA: Cláudio Carvalho

GRAFISMO: Alexandre Lopes, Gonçalo Mendes, Sofia Ferreira, Daniela Graça (coordenação)

FOTOGRAFIA DA CAPA: Ricardo Pereira

ENDEREÇO:  
Universidade da Maia - UMAIA  
Av. Carlos Oliveira Campos  
Castêlo da Maia  
4475-690 Avioso S. Pedro  
Tel. (351) 229 866 000  
IMPRESSÃO: Navprint  
ISBN: 978-989-8609-22-9





# “OU DÁS FOGO OU DOU-TE UM TIRO”

João Andrade, Maria João Rodrigues

**José Alves da Costa desobedeceu e o brigadeiro não disparou. Recordando a sua participação no 25 de Abril, o ex-cabo que conduzia um tanque no Terreiro do Paço falou ao Ágora em Balasar, freguesia da Póvoa de Varzim onde reside. “Se eu tivesse disparado não existia 25 de abril”**



## Queríamos saber um pouco da sua vida antes do 25 de abril.

Ora bem, a minha infância era como tudo naquela altura, fui para a escola com seis anos. A família era de pouco rendimento tinha que se ir trabalhar para a lavoura, o meu pai era rendeiro, fazíamos casas de renda e a minha juventude foi aqui em Balasar, nascido e criado.

## Como é que um jovem nascido em Balasar acaba, em Lisboa, em Abril de 1974. Explique-nos o seu percurso até esta altura?

Naquela altura o serviço militar era obrigatório, fomos à inspeção na câmara da Póvoa de Varzim e fiz lá a recruta. A maior parte dos soldados eram atiradores, chamavam-lhes carne de canhão que era tudo para ir para o Ultramar, eu tive a sorte de darem-me a especialidade de carros de combate. Não sabíamos nada, até que chegemos a noite de 24 para 25 de abril não nos deixaram dormir até que às 5 da manhã mandaram municar os carros e sair para a rua. Ao sair para a rua naqueles carros de combate era imperdoável porque aquilo era um veículo que pesa 44 toneladas e tem lagartas de ferro que na rua destrói tudo. A uma certa altura na viagem entre Belém e o Terreiro do Paço, um alferes aqui do Porto, esse é que era o nosso chefe deu-nos ordem que ninguém dava fogo sem a sua ordem. Quando chegamos ao Terreiro do Paço deparamo-nos com os carros na nossa frente e militares a movimentar-se de um lado para o outro. Entretanto apercebi-me desse que esse alferes aqui, do Porto, tinha sido preso pela Polícia Militar. Eu disse aos meus colegas “Agora vai ser um problema”, entretanto apercebo-me que alguém está a subir o carro. Quando o brigadeiro vem ter comigo, diz-me “Nosso cabo sabe trabalhar com isso?”. Eu disse-lhe que não. Foi quando ele ripa da pistola e diz ou dás fogo ou dou-te um tiro na cabeça. Não lhe disse que não, porque se eu dissesse que não acontecia a mim, o que aconteceu ao alferes, ia logo preso, então fui para dentro onde tínhamos um periscópio e pensei, dou uma jardá para o meio do rio, mas como via tanta gente a entrar nos cais, não sei se era o do Sodré ou o Cais de Alcântara. Eu disse “Não vou fazer uma mortandade enorme, eu fui criado para servir e não para destruir” e pronto parei. Estive fechado dentro do

carro duas horas, depois cheguei a um ponto que disse aos meus colegas, vamos abrir o carro e observar. Abri o quadro já nem um brigadeiro, nem comandante. Depois alguém nos deu ordem para andarmos pelas ruas de Lisboa. Primeiro fui para as antenas, depois fui para o aeroporto, até que chegemos ao quartel, onde estava o capitão que me disse: “Oh Costa já sabias o que se tinha passado? Costa nós vamos fazer um requerimento ao Movimento das Forças Armadas para você estar no louvor”. Eu disse não ponha o meu nome em lado nenhum que quero ir embora da tropa tranquilo, pois o regime que existia e sabia que algo podia não correr bem.

## Foi reconhecido por Salgueiro Maia como a insubordinação mais bela do 25 de abril. E durante muitos anos foi procurado para contar a sua história. Tinha noção que aquele momento em que desobedeceu ao brigadeiro teria tanto impacto nesta revolução?

Se eu tivesse disparado não existia 25 de abril e na altura eu não sabia de nada do que se estava a passar, mas passado 40 anos depois soube que estava uma fragata no Rio Tejo preparada para nos atacar. Bastava eu fazer um disparo para com os outros que caía ali em cima do Terreiro do Paço destruí tudo. Portanto isto já não ia ser uma revolução, mas sim uma tragédia autêntica. Daí o louvor que Salgueiro Maia fala e eu tenho imensa pena por não o ter conhecido pessoalmente, nem nunca falei para ele, conhecia apenas pelas fotografias.

## Então como ex-cabo apontador de M47, pode contar-nos o que levou à decisão corajosa de não disparar quando um superior lhe deu ordem para o fazer?

Eu fui criado para servir e não para destruir, e sabia que, se disparasse, iria fazer uma desgraça e o alferes que me tinha dito que ninguém dava fogo sem ordem dele, ele é que era o nosso chefe. O outro, o brigadeiro eu não sabia, podia ser um indivíduo qualquer, fardado, que chegasse lá e me desse essa ordem, então fiquei nas ordens que o alferes me tinha dado. Se me tinham dito que ninguém dava fogo e ele tinha sido preso fiquei com a ordem que ele deu e não com a que o outro superior me veio dar.

**Em que momento desse dia é que se**



“Bastava eu fazer um disparo... destruí tudo”

## apercebeu que o nosso país estava a viver uma revolução e que o regime ditatorial tinha acabado? Juntou-se à revolução nas ruas ou manteve-se com as forças militares ao longo do dia?

Fomos até ao quartel e ficamos por lá. Esse dia para mim ficou marcado por muitas coisas, porque nem comi nem bebi o dia todo. Estávamos cheios de sede e fome e quando chegamos ao quartel queríamos era comer qualquer coisa, nem tínhamos autorização para sair do quartel, até no 1.º de Maio, onde toda a gente andava na rua, não nos deixaram sair. No entanto, fiquei satisfeito. Depois de saber aquilo que se tinha passado, fiquei contente.

## Dentro das forças militares, até meio da tarde, não havia noção de que estava a acontecer uma revolução?

Nós apenas sabíamos derivado àquilo que estava a ver, que havia muitas movimentações, uma delas é uma altura em que o tenente Assunção leva uma sapatada do tal brigadeiro. A situação em que me apercebi do alferes ser preso, tudo isso pronto, mexeu comigo, mas não sabíamos aquilo que se estava a passar.

## Qual foi para si o momento mais impactante desse dia?

Naquele dia para mim, a hora mais difícil foi quando o “brigadeiro” me aponta a pistola à cabeça. Quando ele diz “ou dás fogo ou dou-te um tiro na cabeça” fiquei sem saber o que fazer.

## Acreditou que a ação que tinha acabado de cometer poderia ter consequências na sua vida caso a revolução não tivesse sido sucedida? Tinha receio do que lhe podia acontecer?

Não, não fiquei com a noção de nada. Ao longo da minha vida, é que fui sabendo, ou seja, desde 2014 é que eu sei de 80% daquilo que se passou no 25 de Abril, pois desde há 10 anos que sabia apenas o que se tinha passado comigo.

## O que sentiu durante estes anos em que a sua história ainda era um pouco desconhecida para o público quando se festejava esta data?

É uma honra, em primeiro porque tenho tido saúde até hoje e em segundo, celebrar os 50 anos do 25 de Abril, para todos nós que passamos aquele dia e que estivemos presentes naquele dia, é um orgulho. Atualmente, ainda vivemos numa democracia, apesar de estar a ficar um pouco abalada, mas espero que a juventude de hoje não deixe isso acontecer.

“  
**Eu fui criado para servir e não para destruir”.**



# LUSITO DA MOCIDADE PORTUGUESA

## “NÃO ERA RESPEITO OU EDUCAÇÃO, ERA MEDO”

Beatriz Rocha e Maria Alejandra

Luís Correia pretenceu a organização juvenil da Mocidade Portuguesa, os Lusitos, em Matosinhos. Fala-nos do medo e da repressão que sentiu antes do 25 de Abril.

**Quais os hábitos que praticou e assistiu no ensino enquanto aluno da Mocidade Portuguesa?**

“Os que mais me marcaram foram numa primeira fase os cânticos de cariz religioso, as saudações na entrada e saída das salas de aula e o medo que tínhamos dos professores e contínuos da escola, não era respeito ou educação, era medo.

**Como eram as relações entre os professores e os alunos?**

O papel responsável da professora em inculcar muita disciplina e castigar. A relação pura simplesmente não existia. Era tudo bastante diferenciado, distante e inacessível. Havia a matéria do programa e a obrigação de aprender se não ias trabalhar, aos 14 anos de idade no máximo para cumprir os 4 primeiros anos de escolaridade, portanto a primeira triagem era implacável.

**Em casa, havia espaço para criar relações íntimas com os seus familiares?**

Tive duas experiências distintas: Em minha casa, pais com escolaridade mínima, prevalecia o silêncio, postura rígida de educação sem compreender o porquê. Vida dura de trabalho e de poucos recursos e amealhar para o futuro, pouca informação política e medo no pouco tempo disponível, quando no café ao final do dia com os amigos de levantar a voz contra as medidas da ditadura. Prevalecia a fome, trabalho clandestino explorado sem escrúpulos e com a complacência do poder. No entanto, tive o privilégio de nas férias partilhar a casa da minha madrinha, de um casal de médico e farmacêutica, pessoas de um escalão social privilegiado, já com viagens ao estrangeiro o que nos dá outra clareza de sentidos e justiça. Discutiam à mesa o que a censura praticava, o médico trabalhava no tribunal de polícia e aí era o que eu maioritariamente ouvia, pois a televisão

terminava muito cedo e, portanto, ainda sobravam as conversas de todos os movimentos de rua e privados que se ouviam.”

**Os jovens tinham perceção do que estava a acontecer no país naquela época?**

Os jovens mais velhos tinham ideia de que alguma coisa estaria a ser engendrada porque a miséria era óbvia e o analfabetismo também. Não poder discutir esta situação era insustentável, devido à opressão da Polícia e da PIDE.

**Que momentos de restrições e perseguições é que vivenciou?**

Eu ia no final do dia beber um copo de leite ao Café Parque e assisti várias vezes a serem levados à força homens sem razão aparente e ninguém interferia por medo. Assisti também em Fafe a algumas manifestações de insatisfação com o regime que culminaram com mortos e muitos tiros que ainda hoje se podem ver na sede da atual do CDU.

**Do que se recorda do dia 25 de abril?**

Lembro-me de ter ido para a escola e de ter entrado e sentir alguma perturbação junto de todos. A minha professora enviou-nos para casa até se perceber o que se estava a passar.

**Em que momento e de que forma é que as pessoas perceberam o que estava a acontecer e como é que reagiram à vitória do movimento das forças armadas?**

A rádio passou o “Grândola Vila Morena” e anunciou o 25 de Abril de 1974. A mira da televisão desapareceu e apareceu o Fialho Gouveia com o Movimento das Forças Armadas a comunicar a todo o País o feito histórico. Relembrar que pouca gente tinha televisão e os cafés foram os lugares principais para perceber a situação com imagem, alegria, loucura e o mais importante, liberdade.

**Quais foram os eventos que se sucederam?**

As escolas estiveram fechadas uns dias, serviços públicos também, houve bastantes detenções dos “amigos” do regime, reaparecem os exilados políticos, Mário Soares, Álvaro Cunhal, entre outros e seguem-se dias de ma-

nifestações de alegria e liberdade. Foi criada uma Junta de Salvação Nacional presidida por militares que foram mais tarde substituídas por eleições livres em que foi eleito o primeiro governo escolhido pelo povo

**Qual é a sua opinião sobre como a Revolução dos Cravos é lembrada e celebrada em Portugal atualmente?**

O meu sentimento em relação à Revolução é que ficou reduzido a uma parada no próprio dia e é deixado esquecido na gaveta nos restantes dias, quando representa tanto para o que se revela nos nossos dias. Ninguém se lembra que os direitos tão simples como a liberdade de pensamento e expressão só foram possíveis depois de abril. Consta como só mais um feriado no calendário, para tomar consciência temos de nos retratar na História e na Cinematografia.

**De que forma é que a sua experiência como uma criança do regime moldou quem é nos dias de hoje?**

Com o pânico de quando fosse mais velho ter de ir para o ultramar lutar numa guerra sem sentido, o receio de 10 anos depois ainda poder prestar serviço nas colónias fez de mim um Homem que valoriza os princípios básicos da condição humana. Viver com a consciência que: a minha liberdade termina quando começa a do outro.

“  
*Ninguém se lembra que os direitos tão simples como a liberdade de pensamento e expressão só foram possíveis depois de abril*”.



Atividade da Mocidade Portuguesa



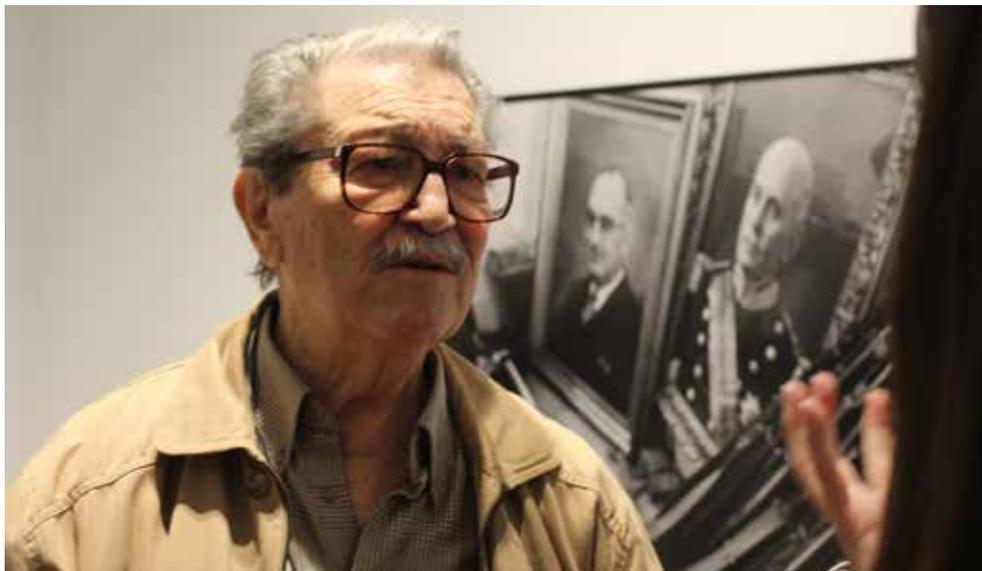
**EDUARDO GAGEIRO**

# “NÃO ERA ESTE O PORTUGAL QUE IDEALIZAVA”

Catarina Moreira, Maria Silva, Sofia Fontes



Repórter emblemático do 25 de abril, Eduardo Gageiro dedicou a vida à fotografia. As imagens da queda da ditadura expressam momentos de celebração e a tensão da revolução. Depois, ao longo dos anos foi registando as celebrações do 25 de abril. Algumas dessas fotografias integraram a exposição Factum, na Cordoaria Nacional, Lisboa. Foi aqui que o repórter falou ao Ágora.



“Considero que sou uma figura não grata.”

## O que o marcou na época da ditadura?

A repressão e a vida miserável. Nasci em Sacavém, nessa altura a maioria das pessoas andavam descalças. Era uma vida difícil. O meu pai tinha um restaurante onde os operários da fábrica de loiças deixavam as marmitas com sopa para a minha mãe aquecer. Um dia de madrugada ouvi barulho e levantei-me. Vi pessoas muito bem vestidas que nem sabia que existiam. Aquilo fez-me uma grande confusão. À hora de almoço vê-se operários a comer sopa e às cinco da manhã vê-se estes barões a comer bacalhau, que o meu pai comprava clandestinamente aos fiscais, já havia corrupção.

## Aprenderam-lhe a câmara?

Tentaram, simplesmente dizia que nunca dava a câmara. Fazia três ou quatro fotografias, guardava o rolo e depois punha um novo. Quando era abordado dava o rolo novo.

## A prisão pela PIDE deixou-lhe marcas profundas?

Sim, marcou-me. A minha filha era pequena quando foram buscar-me a casa. Fiquei traumatizado. Aqueles três meses pareceram-me, sei lá, quanto tempo. Durante anos não podia estar virado para uma parede. Não estou

ligado a nenhum partido, mas ao contrário da PIDE, o Partido Comunista, nunca matou ninguém e lutou por um Portugal diferente. Deram o corpo ao manifesto, agora são hostilizados. Aparecem os fascistas, os que contam a história da carochinha. É terrível. Querem o nosso mal e as pessoas vão atrás do canto da sereia.

## Como chegou ao centro da Revolução dos Cravos?

Disseram-me que não podia passar, porque o comandante não queria. Disse-lhe “se faz favor, leva-me ao comandante que eu sou amigo dele” e eu nem sabia quem era o comandante. Cheguei lá e disse-lhe “sou o Eduardo Gageiro” ao que o comandante, Salgueiro Maia, responde-me “eu sei quem você é, compro todas as semanas o Século Ilustrado, gosto das suas fotografias”. Comecei a fotografar sem outros jornalistas, só às 11h é que apareceram.

## Para si qual é a fotografia mais emblemática do 25 de abril?

É difícil, mas o Salgueiro Maia a morder o lábio. Pelo simbolismo negativo é o Salazar sozinho.

## Como surge a fotografia na sua vida?

O meu pai não me deixava frequentar o liceu, dizia-me para ir trabalhar para a fábrica. Eu estava furioso. Mas, comecei a trabalhar e a conviver com grandes artistas e fazia muitas perguntas. Pedi emprestada uma máquina fotográfica ao meu irmão e comecei a fazer fotografias. Houve um dia que um escultor, Armando Mesquita, pediu para lhe mostrar as fotografias e disse-me que tinha olho, mas não percebia nada daquilo. Convidou-me para ir ao seu atelier para ter aulas de arte e composição. Depois houve a ambição de ir para os jornais, que foi muito difícil e levou muito tempo.

## Qual é a importância da fotografia na educação e nos jovens?

Tem uma grande importância, desde que seja feita com honestidade e quando quer realmente denunciar uma situação que lhe parece injusta ou um momento de alegria, pois há tão poucos.

## Passado 50 anos do 25 de abril, vê o país que idealizou?

Não. Agora com a corrupção que há e as pessoas a não serem condenadas, porque têm muito dinheiro e arranjam bons advogados. É tudo muito negativo. Sinto-me triste. Não era este o Portugal que idealizava, gostava de um país mais equilibrado onde não houvesse uma diferença tão grande entre ricos e pobres.

## Que fotografia poderia caracterizar este momento político?

Por exemplo, (silêncio reflexivo) uma família com dificuldades, já que muitas não têm nada para comer, e ao seu lado mostrar um letreiro “2024”.

## A Factum é a sua maior e a melhor exposição?

Em Portugal sim. A maior foi na China, em Pequim. Ganhei prémios internacionais e mesmo assim considero que sou uma figura não grata, porque falo muito, digo as verdades e as pessoas não gostam.

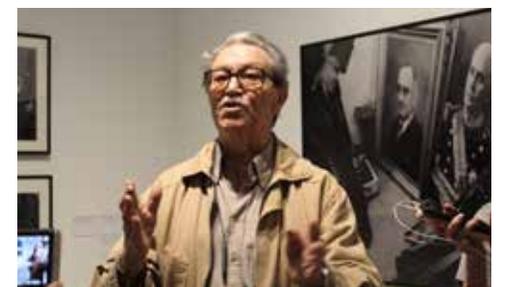
## Sente que Portugal dá valor ao seu trabalho?

No ano passado, fiz uma exposição sobre o amor e convidei o Marcelo Rebelo de Sousa (PR), o António Costa (PM), o Pedro Adão e Silva (Ministro da Cultura) e quem apareceu foi o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas. Fui agradecer-lhe e disse: “estou muito triste. Já fiz imensas exposições pelo mundo e nunca ninguém me convidou para fazer em Portugal”. Vivemos num mundo difícil, então para a fotografia é terrível.

## Depois desta exposição, o que poderia vir a seguir?

Agora é difícil. Posso fazer mais (pensativo). Vou a todos os 25 de abril e quero fazer um último livro já com fotografias de 2024. É um epitáfio. Espero que nestes 50 anos esteja lá o máximo de gente. É um dia ímpar que marcou profundamente o país. Agora repressão não há, mas a fome tenho a impressão que está a acentuar-se. Isso entristece-me profundamente.

“Vou a todos os 25 de abril e quero fazer um último livro já com fotografias de 2024. É um epitáfio”.



“A minha filha era pequena quando foram buscar-me a casa [prisão pela PIDE]”



# “O GRITO DE REVOLTA TORNOU-SE NUM GRITO DE ALEGRIA”

Diana Ferreira, Matilde Gomes e Sofia Ferreira

José Luís Marques, engenheiro civil, aborda, em Valongo, as suas vivências da Revolução do 25 de abril. Foi na escola que começou a ouvir falar na “revolta do capitães”. Nas ruas do Porto, sentiu o “grito de alegria”.

**Onde estava e como é que soube do desencadeamento da Revolução?**

Eu ia para a escola do ciclo preparatório de São Lourenço, em Ermesinde, quando soube da Revolução. Naquele tempo a informação não chegava rapidamente. Cheguei à escola e o funcionário disse-nos que não haveria aulas devido ao desencadeamento de uma revolução.

**Como é que as pessoas viveram nas ruas os dias da revolução?**

As pessoas acederam aos locais públicos no Porto e manifestaram-se contra o regime que tinha caído e a favor da liberdade. Esse dia trouxe-me muita esperança. Na verdade, as pessoas estavam todas contra o regime e acabaram por dar o seu grito de revolta. Um grito de revolta tornou-se num grito de alegria.

**Dentro do seu ambiente**

**familiar falava-se sobre o desencadeamento da revolução?**

Sim. Eu tinha 12 anos e tinha um irmão mais velho. O meu irmão foi para a tropa na semana que se deu o 25 de abril. Ele foi para o quartel das Caldas da Rainha, que um mês antes tinha feito uma tentativa de mudança contra o regime. O meu pai chorava pelo meu irmão com medo de que ele fosse para a guerra, mas depois tudo se sanou e foi uma alegria muito grande quando soubemos que já não tínhamos de ir para o Ultramar.

**Recuando aos anos antes da revolução, como era a vida antes da revolução de 25 de abril?**

Era uma criança em que estava sempre tudo bem, mas vivia-se muito mal. No antigo regime havia uns que viviam com dificuldades e outros que viviam bem. Havia falta de liberdade, por exemplo. Os jovens têm de ter cuidado com o futuro, ainda agora vivemos um ato eleitoral, onde o

extremismo veio ameaçar e é triste termos lutado 50 anos e ver isto a acontecer. A esperança que havia era de morrer na guerra. É um tempo que não se deseja e daí eu ter uma certa revolta quando vejo pessoas a defender o antigamente. Recordo-me daquele tempo como vocês se vão recordar de agora, passamos do 8 para o 80, não tínhamos nada, era uma tristeza.

**Do seu ponto de vista que sucessão de acontecimentos foi mais importante para unir a população contra o regime e desencadear a revolução?**

A guerra foi uma das coisas, pois tinham medo de que os filhos morressem. Nós temos três soldados sepultados que eram de Alfena, infelizmente, morreram em combate e a maioria das pessoas passa lá e não sabem quem foram para o país.

**Existia resistência ao regime**

**antes da Revolução, ou a população com medo não se manifestava?**

Não se manifestava. Havia aqueles antifascistas que o destino deles ou era o exílio ou a prisão em que existia todo o tipo de torturas. Lembro-me de a caminho da escola, dizerem-me que havia um edifício que pertencia à Pide onde faziam todo o tipo de torturas até as pessoas não puderem mais e acabavam por falecer.

**Quais eram as suas maiores preocupações antes da Revolução?**

Naquele tempo o que se passava era para sempre. Recordo-me de numa aula de moral o professor referir o dinheiro que o Estado gastava na guerra, sendo que era mais que na saúde e na educação. Gastava-se todos os recursos e nós não acreditávamos que isso mudasse pois tiveram 48 anos no poder e foi uma alegria.

**O que mudou em si depois da Revolução?**

A esperança e o medo. Tínhamos receio de irmos para guerra ou fugir para outros países da Europa e não regressar enquanto o regime não caísse, na incerteza se algum dia se voltaria a ver a família. A nível de ensino fiz o ensino secundário e após o 25 de abril tirei um curso superior.

**Como foi vivenciar a transição de um regime ditatorial para um regime democrático?**

Há gente que diz que a democracia não presta, mas é o melhor dos regimes. Nós temos sempre uma palavra. O 25 de abril é justiça. Porém, temos de estar atentos, pois há quem queira murchar o cravo.

**Revê em algum partido político atual, o regime ditatorial de Salazar e Marcelo Caetano?**

Sim. Ele exponenciou, e é isso que é mau. Eu tenho o meu partido nas eleições, torci pelo meu partido, aceito outros, mas aquele não. Na Europa já existem alguns regimes ditatoriais, contudo as pessoas chegam a um ponto que começam a ver que não é a solução.

**Considera que até aos dias de hoje, a revolução de 25 de Abril continua a ter um papel fundamental na nossa sociedade?**

Tem. O que mais marcou o nosso povo e o nosso país, foi o 25 de Abril e tudo o que se desenrolou daí para a frente. O 25 de Abril está, portanto, muito vivo.

**Considera importante manter vivo tanto nas nossas gerações e nas futuras, a memória do 25 de abril?**

É importante o antes do 25 de Abril. É bom vermos os documentários na televisão para saber o que se vivia e ver a coragem daqueles homens que fizeram a revolução com a vida deles em perigo. Acho que isso deve estar sempre vivo e o sangue de Portugal no fundo é essa gente.

“

***“Vivemos um ato eleitoral, onde o extremismo veio ameaçar e é triste termos lutados 50 anos e ver isto a acontecer”.***



“Temos de estar atentos, pois há quem queira murchar o cravo.”



# A IMAGEM VALIA MIL PALAVRAS, AGORA JÁ NÃO VALE TANTO

Afonso Soares, Luísa Silva e Paula Monteiro



**No dia 25 de Abril de 1974, Ricardo Pereira, fotojornalista, registou a Revolução dos Cravos, nas ruas do Porto. Nos estúdios da Universidade da Maia, desafia as memórias. Fala das diferenças que sente entre aquele tempo e os dias de hoje.**

## Como é que recebeu a notícia do que estava a acontecer nas ruas?

Eu estava de piquete no jornal “O Comércio do Porto” e cheguei junto a Santa Catarina, no Porto porque era lá a central da censura e estava fechada, era estranho às 2h da manhã estar fechada, então ligou-se para a central do jornal em Lisboa e foi aí que ficamos a saber que havia movimento militar.

## Esse dia foi muito trabalhoso, sente que viveu de forma mais intensa o 25 de abril?

Sim, até porque começou-se a conhecer pessoas que estavam ligadas a movimentos políticos de que antes não tínhamos acesso, quer dizer, elas não se expunham muito porque havia um partido da clandestinidade, o (“MTP”), essas pessoas que estavam lá metidas não davam a cara porque senão iam logo para a PIDE.

## Qual foi o momento que mais o marcou nesse dia?

O acesso a tudo que era da PIDE, a cela, sala de tortura, aquilo não estava visível, mas notava-se, havia torneiras de água para fazer o esquema de pôr a água na toalha e a pessoa morria asfixiada, bastava estarem um dia para ficarem marcadas, era horrível.

## Como é que eram geridos os sentimentos?

Pessoalmente tinha muito cuidado, não fotografava, não agredia as pessoas com imagens para que elas fossem divulgadas e identificadas, sempre que me apercebia que as pessoas se juntavam por uma razão, evitava o rosto.

## Os jornais tinham de passar pelo lápis azul, conte-nos um pouco mais.

Quem tinha notícias um pouco dúbias, fazia por chegar mais tarde e quando chegava ele queria ir embora, então despachava aquilo, marcava a vermelho e a fotografia passava.

## Quais são as principais diferenças que sente entre o antes 25 de abril e o pós 25 de abril como fotojornalista?

A liberdade é uma das partes mais importantes. Havia um pouco mais de educação, notava-se isso, as pessoas eram mais respeitadas e era fácil saber porquê, porque a imagem valia mil palavras, agora já não vale tanto

## O que é ser para si fotojornalista?

É divulgar algo que as pessoas não vêm, é dar um bocadinho de conhecimento. Havia muita coisa que nós passávamos para a reportagem que as pessoas ficavam chocadas quando viam, a censura deixou passar algumas imagens, porque facilitava, não as queria ver, depois começou a ver e já as censurava.

## Conseguiam ultrapassar a censura de certas fotografias que queriam passar, mas que não conseguiam?

Dependia muito da interligação com os gráficos, as provas para a censura eram feitas num prelo com tiras de papel de jornal. Pedíamos ao tipógrafo que desse mais tinta nas imagens para sair muito pastoso, quase que não se via a imagem, então eles facilitavam, olhavam para a fotografia e não ligavam muito, mas sempre com a colaboração deles, porque eles tinham de assinar em baixo, se houvesse problemas, eles eram chamados à pedra. Também sabíamos quem eram os mais conservadores, os que falavam contra o governo e era a esses que nos dirigíamos.

## Como era o país há 50 anos?

Não há comparação possível. Há coisas que agora são capazes de extravasar um pouco, não haver respeito, as pessoas agridem-se.

## Olhando para os dias de hoje acha possível haver uma ditadura?

Não. Depois destas eleições não me acredito. Se houver 10 pessoas que sejam contra uma ditadura, podem vir 50 que a queiram que não têm hipótese.

## Qual foi a sua primeira exposição?

Antes do 25 abril foram algumas, mas eram imagens, documentários, eram imagens para ver, mas não eram imagens de fotojornalismo. Lembro-me de ter feito isso, inclusivamente

era algo relacionado com a juventude, mas eram condicionadas.

## Conte-nos um pouco sobre as exposições que tem feito ao longo dos anos.

Eu durante muito tempo não quis expor. Aquelas que eu expus foram itinerantes, algumas delas circulam até em Espanha, as pessoas a quem eu dei autorização, levam isso para onde querem.

## Gostava de levar as suas fotografias a algum sítio específico?

Gostava. As fotografias que expúnhamos antes do 25 de abril, fiz muitas na Sé (Porto), fotografias dos rapazes e daqueles edifícios antigos que agora alguns estão a transformar-se em pensões.

“

*Pedíamos ao tipógrafo que desse mais tinta nas imagens para sair muito pastoso [sobre a censura]”.*



“Se houver 10 pessoas que sejam contra uma ditadura, podem vir 50 que a queiram que não têm hipótese”



# EX-PIDE CONFESSA: “HAVIA AGENTES QUE FAZIAM MUITAS ATROCIDADES”

Ana Costa, Diana Martins e Mariana Nova

Mesmo subordinado ao anonimato, um ex-agente da PIDE faz revelações ao *Ágora*. A entrevista decorreu na Póvoa de Varzim e serviu para conhecermos algumas ações da polícia política da ditadura.

## Onde é que estava e qual foi a sua reação imediata quando soube da revolução?

No 25 de abril, eu estava em Moçambique a trabalhar. A minha reação foi alinhar-me com a revolução e tentar evitar que mais militares fossem enviados para o Ultramar, onde muitos acabavam por perder a vida.

## Como foi afetado pessoalmente e profissionalmente em relação à revolução?

A nível profissional, terminei a missão em que estava envolvido e fui enviado de volta ao continente. Posteriormente, houve tentativas de me prenderem aqui. Eu era considerado um revolucionário, portanto, esperava ser preso, mas não aconteceu. Fui detido durante 14 dias em Moçambique após a revolução, enquanto as autoridades investigavam as alegações contra mim. No entanto, não foi apresentada nenhuma queixa contra a minha conduta.

## Como via a oposição ao regime do Estado Novo e os movimentos de libertação das colónias?

Em relação à oposição ao regime do Estado Novo, eu concordava com ela se fosse democrática. É importante salientar que a revolução não foi feita pelo povo, mas sim pelos militares. Muitos desses militares que estavam no Ultramar, não eram exatamente defensores da democracia. Alguns deles agiam como ditadores, e re-

cordo-me de comandos africanos na Guiné que eram capturados no mato e depois recrutados para lutar do nosso lado. No entanto, eles eram frequentemente submetidos às piores missões. Eles defendiam as nossas costas, mas acabaram por ser eliminados pelos ditos revolucionários.

## 50 anos depois da revolução sente que esta data tem sido devidamente valorizada e lembrada?

Não, a nossa história não tem sido dignamente valorizada.

## Na sua opinião, qual é o maior desafio que Portugal enfrenta?

O maior desafio que o país enfrenta é a nossa situação. A justiça está num estado lastimável, temos a saúde, essa então nem falemos, as senhoras querem ter os seus bebés não conseguem. Estamos a voltar àquele tempo antigo antes da revolução, em que as senhoras tinham os filhos em casa, assistidas por uma parteira. Valerá a pena uma revolução para estarmos agora a retroceder a isto?

## Como era o ambiente vivido durante o Estado Novo?

Para mim, o ambiente durante o Estado Novo era geralmente bom, exceto por ocasionais incidentes causados por grupos que realizavam sabotagens. Lembro-me vividamente de uma

ocasião em que estava a bordo de um comboio com destino a Lisboa, quando ouvimos tiros de metralhadora contra o comboio. Felizmente, ninguém dentro do comboio ficou ferido.

## Acredita que os acontecimentos do Estado Novo e do papel da PIDE estão a ser lecionados de forma justa?

Não, estão a ser muito ultrapassados pelo lado negativo. Antes do 25 de Abril haviam aqueles grupos revolucionários que matavam, faziam armadilhas em caixotes do lixo, para obrigarem as pessoas a dizer mal do governo e eles estavam a matar inocentes, porque quem eles queriam matar não matavam.

## Qual foi a primeira operação onde participou?

Ainda não tinha acabado o curso, foi na altura em que o professor Marcelo Caetano foi a Moçambique para inaugurar a ponte sobre o rio Zambeze, e então pediram homens para serem distribuídos para o mato, para irem em brigadas recolher informações e passarem-nas aos serviços militares.

## Lembra-se da primeira vez em que teve noção do que era a PIDE?

Tive de lidar com determinados grupos e achava muitas vezes que eles estavam a exagerar na forma como distinguiam cada um, principalmente os africanos, porque havia muitos indivíduos que faziam muitas atrocidades, e muitas foram feitas pelos nossos militares.

## Como começou a sua carreira na PIDE?

A minha carreira começou na Guiné, fui parar lá como militar, onde conheci os serviços da PIDE e fiz a minha inscrição. Chego ao continente e passado uns meses fui contactado. Apareceu um agente na Póvoa à minha procura, contactou-me, fez um processo e fui para a escola de polícias, e lá andei.

## Como era o seu dia-a-dia de trabalho na PIDE?

Estive envolvido, geralmente, em operações no mato, como lhe chamávamos, um determinado local da mata para combater e explorar informações. Recolhíamos as informações e investigávamos a ver até que ponto aquilo era

verdade, porque geralmente eles informavam-se onde os inimigos tinham as bases.

## Como eram as relações internas dentro da PIDE? Existia camaradagem entre colegas ou as relações eram apenas formais?

A relação era de amizade entre aqueles com quem tínhamos amizade, porque haviam lá pessoas com quem não podíamos ter amizades, que sabiam de coisas de meia dúzia de companheiros e a seguir iam transmitir essas informações. Eram chamados meninos bonitos.

## PIDE / DGS: O TERROR

Fundada em 1933 como PVDE (Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado), a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) surgiu após a II Guerra Mundial.

Este organismo tinha como objetivo perseguir, prender e interrogar qualquer opositor ao regime salazarista. São atribuídas à PIDE centenas de mortes e milhares de presos políticos. Os opositores eram levados para os Fortes de Caxias, de Peniche e da prisão do Porto, além do Tarrafal (Cabo Verde), onde eram vítimas de tortura, privação de sono, isolamento, tinham más condições alimentares, higiénicas e de saúde, o que resultava muitas vezes na sua morte.

Nomes como Rosa Casaco ou Adelino Tinoco ficaram na memória dos presos pela sua brutalidade e crueldade. Em 1968, com a subida ao poder de Marcelo Caetano, foi oficialmente criada a DGS (Direção-Geral de Segurança) que manteve as mesmas funções da antiga PIDE. Este sistema autoritário perdurou até à chegada do 25 de abril de 1974.

C.M. e M.S.



26 de abril de 1974 - Sede da PIDE no Porto



# “NÃO HAVIA LIBERDADE DE EXPRESSÃO”



Francisco Fernandes e Gaspar Cardoso

**Mário D’Alte, ex-investigador da polícia judiciária, refletiu sobre as suas experiências vividas durante a revolução portuguesa que deixou um marco histórico no país.**



**Mário D’Alte em entrevista em Monte dos Burgos**

## Onde se encontrava no dia 25 de abril de 1974?

Encontrava-me a 10000 quilómetros daqui, no meio do mato da zona do planalto em Angola na guerra colonial.”

## Quais são as suas memórias deste dia histórico?

Não tenho memórias porque estava numa operação ao mato e só quando cheguei ao quartel é que me informaram que tinha havido uma revolução em Portugal. Liguei para o continente e a minha mulher informou-me que tinha caído o Estado Novo.

## Quais são as suas recordações mais marcantes sobre o regime do Estado Novo?

Durante o Estado Novo, uma mulher não podia trabalhar sem a autorização do pai ou do marido. A violência doméstica era considerada uma coisa normal. Em relação a nós, não havia liberdade de expressão nem de reunião. Quer no liceu e depois na faculdade havia perseguições aos próprios alunos, porque havia funcionários chamados “bufos” da polícia política e indicavam aqueles alunos que estavam contra o regime.

## Que impacto esta revolução teve na sua vida pessoal?

A mim teve muito. Os melhores anos da minha vida foram passados em Angola numa luta que não me dizia nada. Em

relação às condições, quer de liberdade no trabalho e na imprensa, tudo se alterou. Eu quando cheguei, deslumbrei-me.

## Como descreveria as mudanças políticas e sociais ocorridas em Portugal após a Revolução dos Cravos?

De extrema-esquerda apareceram movimentos militares. Assaltavam bancos, punham bombas e matavam pessoas. Com Mário Soares, esses movimentos foram perdoados e a vida portuguesa conseguiu construir uma democracia em liberdade. Infelizmente agora, estamos a ser sujeitos a uma aprovação com extremismos de direita.

## Como acha que esta revolução influenciou a sua visão sobre política?

Os povos muitas vezes vivem oprimidos e temos um exemplo da Rússia. Na Rússia, a população vivia tranquila e o ditador fazia aquilo que queria, nomeadamente com a cultura. Aqui, os capitães de Abril estavam revoltados com uma questão salarial e de carreiras e acabou por se transformar numa revolução.

## Como entendeu a transição para a democracia após a queda do Estado Novo?

A transição até foi muito pacífica. A transição espanhola foi

mais pacífica porque teve o benefício da revolução portuguesa. O contágio para os espanhóis fez com que a queda do General Franco e a democratização de Espanha fossem amenizadas do que em Portugal. Mas aqui não foi uma revolução tranquila.

## Como observa o legado da Revolução dos Cravos hoje em dia?

Antes do 25 de abril, não havia escolas de música. Democratizou-se isso e a música já vai chegando a quase toda a gente. Agora há muito para fazer porque ainda há milhares de pessoas que vivem abaixo do nível de pobreza.

## Quais foram os principais benefícios que Portugal enfrentou após a transição para a democracia?

Uma das coisas importantes é o Serviço Nacional de Saúde. Com todos os defeitos que possa ter, é acessível a toda a gente. E a Segurança Social é uma coisa pós 25 de Abril em que estão asseguradas as reformas das pessoas que trabalham uma vida inteira. São auxiliados no momento em que estejam com baixa por doença, por exemplo.

## Como é que a memória do 25 de Abril é preservada e celebrada?

Deve continuar a haver uma sessão solene na casa do povo, lembrando o valor da liberdade.

## Que lições as gerações futuras podiam aprender com esta revolução e a importância da mesma para a história do país?

Sobretudo tentar que as novas gerações consigam perceber o que é o valor da liberdade. E nunca esquecer que graças ao 25 de Abril, nunca mais irá acontecer os jovens morrerem numa guerra que nada lhes diz.

“Se pensarmos naquilo que foram as bandeiras do 25 de abril, ainda há muita coisa por fazer”.



## BENTO SILVA

# “DA MINHA COMPANHIA MORRERAM DEZ MILITARES”

Rafael Pereira e Luís Ferreira

### Bento Silva, de 82 anos, combateu da Guerra Colonial em Angola.

#### O senhor esteve na guerra colonial?

Sim, estive em Angola. Fui para lá em 1964 e voltei em 1967, estive lá 2 anos e meio mais um ano de tropa aqui em Portugal, que era muito tempo para um jovem. Em Angola a dinâmica apesar de ser uma guerra com 3 frentes era um país mais pequeno que Portugal. Estava com 3 frentes de guerra Angola, Moçambique e Guiné, para os militares havia tudo, comida nunca faltou, vencimentos os soldados sempre foram pagos, embora ganhassem 600 escudos, que hoje seriam 3 dólares por mês, num campo de guerra ganhavam pouco, mas mesmo assim sempre foram muito disciplinados.

#### Em tempo de guerra infelizmente é natural a morte de soldados, quantos militares da sua companhia morreram?

Da minha companhia de 220 militares morreram por volta de uns 10. O que em 30 meses embora sendo mau a morte de uma pessoa, a nível de proporções não foi muito.

#### Acredita que Portugal preparou mal as colónias?

Acredito, Portugal é culpado da má independência, antes devia-os ter preparado, essa independência devia ser dada com 10 anos de sobreposição, quer dizer que nós em 10 anos iríamos prepará-los para eles se governarem sozinhos. Entregamos-lhes o país e eles não tinham quadros, não tinham nada e havia 3 movimentos e falo por Angola que eu conheço perfeitamente, 3 movimentos que eram: FNLA, MPLA e UNITA. Depois disso eles começaram a guerrear, morreram mais deles no tempo da independência do que no tempo da Guerra Colonial.

#### Quais foram as principais diferenças que notou em Portugal quando voltou da guerra?

Houve duas coisas importantes. A primeira foi em 1967 quando eu li o primeiro livro de Sá Carneiro “Ser ou não ser deputado”. A

segunda foi o 25 de abril, correu bem naquele dia, mas logo a seguir correu mal, o partido comunista que era o único partido organizado começou a tomar conta do país. Mais tarde o Partido Socialista já estava organizado e aqui em Portugal, o Sá Carneiro fundou o PSD e eu e mais outra pessoa fomos os primeiros a aderir, portanto eu sou o militante número 2 do PSD.

#### Disse que se envolveu com a política depois do 25 de abril, mais precisamente quando?

Foi mesmo depois, o Sá Carneiro veio aqui à Povoia e tivemos uma meia dúzia de pessoas numa reunião, diria até ultra secreta nas Zitas. Foi lá que o Sá Carneiro deu os primeiros passos na política. Depois fui em setembro ao primeiro congresso no Palácio dos Desportos em Lisboa, estive ao lado do Marcelo (Presidente da República), nunca me esqueço duas frases do Marcelo lá: “Senhor doutor a política é como as saias das mulheres, deve

ser suficientemente comprida para tapar o assunto, mas ao mesmo tempo suficientemente curta para nos interessar pelo assunto” e disse outra coisa sobre as sondagens: “As sondagens são como os biquínis das mulheres, mostram muita coisa boa, mas escondem o melhor”. Na ocasião eu achei piada, nem sabia quem era o Marcelo, eu por acaso estava mais bem vestido do que ele (risos).



“Vinham ressabiadas porque deixaram tudo lá.”

## A VIDA DÍFICIL DA MULHER DE UM EX-COMBATENTE

Carlota Gonçalves e Gonçalo Mendes

**Maria da Conceição Ferreira Pereira, viúva de um ex-combatente da Guerra Colonial do Ultramar, abordou os tempos difíceis vividos por si, durante a Guerra Colonial e sobre o 25 de abril.**

**Sabemos que Américo Martins Gonçalves iniciou o serviço militar aos 18 anos. Sabe onde é que este ficou situado?**

A primeira parte do serviço militar dele foi em Espinho, de Espinho passou para o quartel de Tomar, concluiu a especialidade no quartel de Tomar. Após Tomar foi para Santa Margarida. De seguida foi recrutado para Angola, para a Guerra do Ultramar.

**Isso deu um total de quantos anos?**

Foram 24 meses em Angola e 9 meses em Portugal.

**Américo combateu na guerra do Ultramar, em Angola, mais concretamente em que cidade, ou cidades?**

Diversas, esteve em Cazombo; Nova Lisboa; Lobito e Luanda.

**Recorda-se do dia em que o mesmo foi chamado para ir combater? Conte-nos como sucedeu?**

Senti-me muito triste ao saber que a pessoa ia partir para a guerra, não sabia se o ia voltar a ver. Parte dos que iam, não voltavam ... infelizmente.



Maria Pereira fala sobre os traumas da guerras colonial.

**Quais as funções que Américo Gonçalves desempenhou durante a guerra?**

O Américo foi recrutado como atirador, e após meio ano ficou no cargo de cozinheiro.

**E Américo mantinha algum contacto consigo?**

Sim, por escrita ... naquele tempo chamava-se os aerogramas, recebia-os 3 vezes por semana.

**Quanto tempo demorava mais ou**

**menos, até a sua carta chegar lá e a carta do Américo chegar até si?** Quase uma semana. De Angola para Portugal demorava mais.

**Como se sentiu com esta ausência do seu marido, como oram os tempos?**

Muito só, senti-me desamparada ... foi difícil passar o tempo.. Ocupava o meu tempo no trabalho, trabalhava numa confeção.

**Qual foi o sentimento por si vivido, quando ele regressou a Portugal?**

Uma emoção muito grande, uma alegria enorme, foi mesmo muito bom! Saber que ao fim de dois anos, a pessoa tinha voltado.

**E sentiu que o ex combatente desenvolveu algum tipo de trauma, ou seja, pós guerra?**

Ficou muito perturbado, traumatizado.

**Como é que era notado esses traumas?**

Ele gritava, acordava a gritar ... levantava-se da cama como estivesse com a arma apontada para o inimigo.

**Em relação ao memorável 25 de abril, que tanto mudou a vida dos nossos portugueses ...**

Liberdade que conseguimos ter, a nossa independência, acabou a guerra... Tínhamos liberdade para falarmos de diversos assuntos, quando antes nem a rádio, nem as notícias podíamos ouvir ...

**Onde estava quando tudo aconteceu?**

Estava em casa, apercebi-me mais durante a noite ... ouvia as músicas do Zeca Afonso.

**Como é que viu o 25 de abril aos olhos da mulher? Trouxe-lhe algumas mudanças?**

A questão da liberdade, uma mulher sentir-se livre!

**Sentiu que tinha mais direitos?**

Tínhamos mais direitos, antigamente não os tínhamos.



**VITOR COELHO**

# O MENINO QUE FUGIU DA GUERRA

Afonso Pereira, João Silva, Carlos Felício

**Vitor Coelho, 67 anos, partilha a sua história similar à de milhares de portugueses retornados. Nasceu em Benguela (Angola), veio embora em 1975 e regressou em 1997 como capacete azul das Nações Unidas.**

## Que lembranças tem do dia 25 de abril?

Não tenho porque o 25 de abril lá não foi no dia 25 então não se percebeu nada. As primeiras notícias vieram passado para aí 2 dias porque no antigamente não era como agora, sabia se as coisas falando e por causa da Pide não se podia falar muito, só passado 3 dias é que soube que havia 1 revolução sabia-se que havia qualquer coisa, mas não sabia o quê. Depois é que soube que era um golpe de Estado e que o governo tinha caído tanto que depois a Pide fugiu.

## Quais eram as condições políticas, sociais do país?

Na altura não havia guerra, havia guerrilha, mas não para nós. Era sempre distante, era no Mato, eu vivia na cidade não tínhamos noção.

## Qual foi a reação do povo ao saber?

Não foi aquela alegria como aqui, o povo ficou indeciso e só passado uns meses é que começaram os movimentos de libertação a chegar às cidades.

## Como descreve as diferenças que havia entre Portugal e Angola visto que esteve em Angola algumas vezes?

Muito complicado, havia muitas mortes pessoas que eram amigas deixaram de ser amigas, pessoas conhecidas morreram, tinha conhecidos que eram a favor do Salazar. A maioria das pessoas não tinham grande noção e eram a favor porque não sabiam muita coisa... como os latifundiários e os fazendeiros viviam à custa do regime aliás muitas coisas foram lhes dada à custa do regime por exemplo pessoas que tinha roças de café muitas vezes foram roubadas essas roças, mas foi muito complicado e senti que havia um género de apartheid em relação aos portugueses com os angolanos, eram tratados de diferente forma. Havia alguma xenofobia, e ouvia -se “Volta para a tua terra”, mas nada mais para além disso pelo menos onde eu vivia.

## Voltando atrás, antes do 25 de abril com 18 anos, que é sempre uma idade de mais rebeldia, nunca teve a oportunidade de fazer parte de nenhum movimento libertário de Portugal?

Não, porque a vida corria e as pessoas começavam a ter noção quando iam para a tropa. Só

ouvíamos rádio clandestina que era proibido na altura e até se dizia para ter muito cuidado que as paredes tinham ouvidos e podíamos ser apanhados pela Pide, mas todos ouvíamos, vizinhos também, não podíamos falar, mas era assim que eu sabia dos movimentos.

## Depois de 1975 vieram para Anadia, quais foram as maiores diferenças que sentiu?

Eu já tinha Estado em Portugal antes a estudar portanto não senti grande diferença para mim não foi um grande choque mas sim sempre vivi em Angola e é algo que tinha algumas diferenças claro que não era o mesmo modo de vida mas como já era a segunda vez pronto estava habituado eu achava que as pessoas nos tratavam bem mas depois como éramos retor-

nados diziam que éramos exploradores dos pretos e é engraçado porque alguns colegas meus que vieram comigo de Angola. Hoje em dia, os emigrantes, também são assim e na altura tudo o que acontecia de mal, o problema era dos retornados. Os retornados roubavam os lugares nos empregos, tudo era culpa dos retornados.

## Em 1997 regressa pela primeira vez a Angola... como foi chegar lá após 20 anos? Quais foram os sentimentos quando lá chegou?

Tristeza, o primeiro choque foi o cheiro a podre, lixo... era verão e o cheiro com o calor era intenso. Era muito diferente de aqui, as pessoas eram mais mente aberta e até mesmo a roupa

era diferente, as cores, tudo. Por exemplo eles ficavam espantados pela nossa forma de estar, achavam as nossas mulheres fáceis por causa da forma como nós interagíamos e vestíamos. No dia seguinte a chegar é que vi toda a podridão, trânsito, anarquia... Em Luanda as casas estavam em cima uma das outras, poças de água... foi um choque muito grande. Quando fui para o interior só senti mais a destruição, a guerra destruiu tudo naqueles anos todos. Os elevadores serviam como lixeiras, não havia luz, os prédios degradados sem pintura as escadas partidas... uma total anarquia.

## Qual era a vossa missão como capacete azul durante a guerra?

A nossa missão era fiscalização e reportar todos os cessares-fogo, para entregar as armas, desarmar os homens, tínhamos de fiscalizar tudo que víamos de anormal. Uma situação um bocado maçadora foi quando um representante das nações unidas foi a costa do marfim preparar um acordo e colocaram uma bomba no avião e ele morreu junto com um colega meu.

## E como foram recebidos?

Fomos sempre bem tratados e até mesmo o povo gostava de nos porque ajudávamos os pobres, éramos a esperança deles. Sempre bem tratados, nunca me senti de outra forma.

## Sente saudades de Angola?

Sinto uma certa nostalgia do tempo que lá estive e tenho saudades, vivi lá até aos 19 anos e é uma terra muito linda, com sítios espetaculares, mas agora não iria viver para lá até porque quem veio para cá nunca mais voltou para lá apesar de ter lá negócios e tudo.

“

*“O povo ficou indeciso e só passado uns meses é que começaram os movimentos de libertação a chegar às cidades”.*



[Sobre Angola] “Sinto uma certa nostalgia do tempo que lá estive e tenho saudades”



# “AGORA ERA PRECISO DEZ SALAZARES”

Alice Sousa, Catarina Meireles e Vasco Tato

**Maria José Ferreira, de 77 anos, mais conhecida como Luísa na terra onde vive, Valpedre, Penafiel, foi uma das criadas de António de Oliveira Salazar. Aos 19 anos, foi levada pelo “senhor Rocha” para servir a governanta Dona Maria e o ditador, no Forte do Estoril, no verão de 1966. A criada confessa que ficou “muito abalada, em choque” quando soube da morte de Salazar e considera: “para nós era quase como um pai”.**



“Pensei que a ditadura ia durar sempre”

## Cresceu e viveu onde, e em que condições?

Éramos 11 irmãos (sete rapazes e quatro raparigas) e vivíamos nas Termas de São Vicente, Penafiel, em condições muito pobres, miseráveis. Saí de casa com sete anos, servi no Porto e em Lisboa. O ordenado que ganhava (100 escudos) era todo para os meus pais, para ajudar a criar os meus irmãos. Quando fui para o senhor doutor ganhava 400 escudos [mostra o recibo]. Era uma fortuna, mas lá não precisava de dinheiro, não saíamos, tinha tudo.

## E que temas eram falados à mesa?

Não falávamos de política... Falávamos entre nós de namoros... À noite recebíamos as cartas, mas já sabíamos o que elas diziam, porque já as tínhamos lido. Via que tinha uma carta do meu namorado, colocava em cima de uma cafeteira elétrica para a descolar e lia-a.

## Como era a sua rotina enquanto criada?

Trabalhava na cozinha. De manhã íamos à Praça da Figueira buscar alimentos para os animais. À noite jantávamos, íamos para uma sala, com a Dona Maria. Um bordavam, outras faziam rendas, até o senhor doutor acabar as suas tarefas. Se ele não tivesse reuniões até muito tarde rezávamos o terço juntos, dávamos as boas noites, e íamos para a cama. Aos domingos, ia lá um padre rezar a missa e o senhor doutor fazia de sacristão.

## Como era o ambiente na casa? Havia regras?

Era mais pela Dona Maria, tínhamos mais

medo dela do que tínhamos dele, era mais rigorosa. Ele [Salazar] para nós era quase como um pai...

## Como era a sua relação com Salazar?

Muito boa. Ele preocupava-se connosco, queria saber se tínhamos comido bem, perguntava sobre a nossa família. Nunca me faltou comida na mesa, ele até achava que comíamos melhor do que ele.

## Sabia da situação em que se encontrava o país?

Não, não sabia. Éramos muito pobres, para nós era normal. A minha mãe ficou aterrorizada quando soube que ia para lá. No forte tínhamos praia privada e mandei-lhe uma fotografia de fato de banho, até aos joelhos, e ela queimou-a. Éramos novos, não se falava no Salazar, no regime, não interessava. Eu não tenho queixa dele, acho que castigava aqueles que faziam crimes, mas não sei.

## Concordava com o facto das mulheres na altura não terem um papel mais ativo na sociedade?

Acho que elas deviam ter empregos e educação iguais aos homens, terem os mesmos direitos. Mas também acho que há liberdade em demasia.

## Atualmente, não se arrepende de ter ido para lá?

Não, fui para melhor, fui ganhar mais. Quando casei, já tinha um dinheirinho bom, porque eles não deixavam dá-lo todo aos meus pais. Se não fosse para lá, estava em piores condições.

## Que impacto teve Salazar na sua vida?

Teve muita. Até aos dias de hoje, ajudou-me muito. Quando o meu marido foi convocado para a tropa fiquei muito aflita, e pedi ao Salazar para ele não ir, e não embarcou duas vezes. À terceira vez, foi convocado para Timor voltei-lhe a ligar, então o senhor doutor disse: “Maria José, ele ir vai que os meus sobrinhos também lá estão. Só que vai para uma colónia de férias”.

## Como é que reagiu à morte de Salazar?

Tive muita pena dele e da Dona Maria, fiquei

muito abalada, em choque. Descobri através da rádio. Ele foi muito bom para a minha família. Ainda no outro dia o meu irmão esteve cá e dizia “ó Luísa, eu casei com as cuecas do Salazar aponteadas, estava muito frio e bem quentinhas que elas eram” [ri-se].

## Como reagiu à revolução do 25 de abril?

Fiquei muito assustada... fui apanhada de surpresa. Não achava que iria acontecer, pensei

que ele lá ficasse a vida toda, que a ditadura ia durar sempre.

## Qual a sua opinião em relação ao país? Desde o pós 25 de abril até esta data.

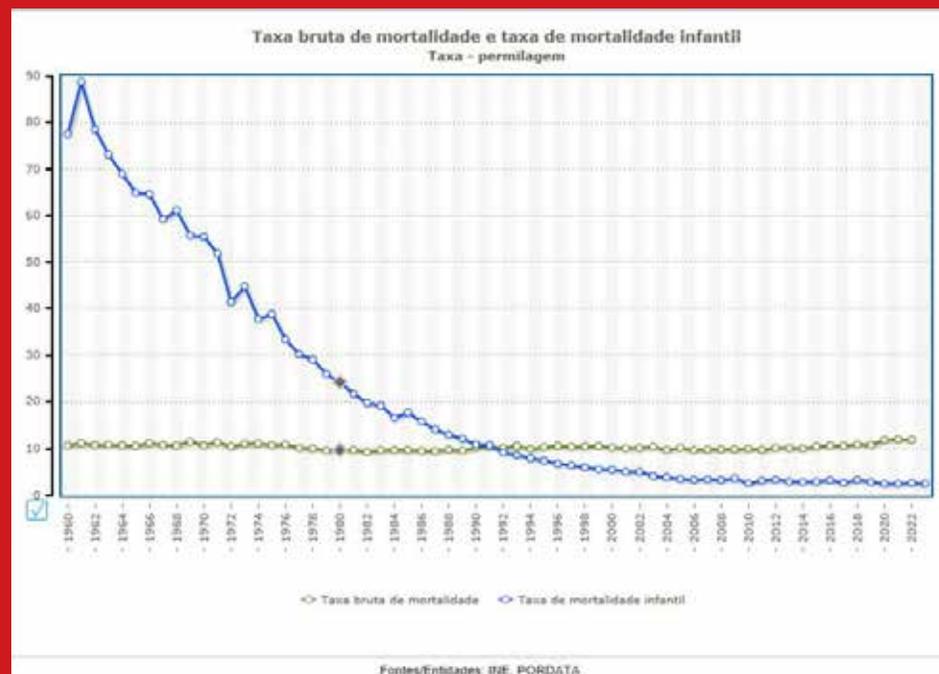
Por um lado, está melhor assim... Mas por outro, acho que está pior, a nível da corrupção das grandes empresas.... Acho que agora era preciso dez Salazares... que um só não tinha poder para isso [mudar o país].

## 50 ANOS DE MUDANÇA

Antes do 25 de Abril, havia altas taxas de analfabetismo e mortalidade, sintomas de uma sociedade com acesso limitado à educação e a cuidados de saúde. A falta de educação contribuiu para perpetuar ideias manipuladoras. Fortalecer a democracia implica combater a desinformação.

Vários indicadores mostram alterações significativas registadas, em Portugal, nos últimos 50 anos. Por exemplo, na educação, em 2023, o ensino superior recebeu cinco vezes mais alunos do que em 1978 (81.582). A taxa de analfabetismo, 25,7% antes da revolução, diminuiu significativamente para apenas 3,1% em 2021.

Outro indicador é a mortalidade infantil. Em 1961, alcançou o seu pico: morriam 88 crianças com menos de um ano por 1000 nascimentos. Atualmente, o valor encontra-se em torno de 2,5/1 000, um dos mais baixos da UE.





# SEM JORNALISMO NÃO HÁ SOCIEDADES LIVRES

Raquel Monteiro, Camila Felix

Joaquim Furtado foi um defensor incansável da liberdade de expressão, durante a ditadura salazarista. A sua cobertura detalhada dos eventos do 25 de abril de 1974 desempenhou um papel crucial na informação do público sobre a queda do regime autoritário em Portugal. Ao longo de sua carreira, continuou a ser uma voz influente no jornalismo, inspirando gerações com a verdade e a democracia.

**A sua infância e adolescência influenciaram algo na sua escolha pela carreira jornalística?**

Quando concorro à Rádio Universidade o impulso que me mobiliza é o fascínio pelo meio. Na adolescência, o meu pai ofereceu-me um transístor, o que me levou mais tarde a concorrer à Rádio Universidade. Vislumbrava então a possibilidade de a rádio poder vir a ser a minha profissão.

**Qual foi o papel das suas convicções pessoais na decisão de se envolver ativamente nos acontecimentos do 25 de abril?**

O meu papel resulta do feliz acaso de estar de serviço no Rádio Clube Português quando a estação foi ocupada pelos militares revoltosos, que me perguntaram se eu aceitaria ler os primeiros comunicados. No meu caso, mudou como cidadão e como profissional, uma vez que passei a exercer o jornalismo da única forma em que ele é: livre.

**Durante os anos de censura e repressão do Estado Novo, como lidou com a pressão pessoal e os desafios emocionais que surgiram na sua vida?**

O meu primeiro contacto direto com a censura foi na Rádio Universidade. Lidava com essas situações como desafios que, por sua vez

“pressionavam” aqueles que estavam incumbidos de censurar.

**Sofreu consequências ao tentar revelar um poema de António Gedeão. Pode partilhar mais detalhes sobre esse incidente e como isso influenciou a sua perspetiva em relação à censura?**

Não sofri consequências. Preparei o programa com base num poema, “Dia de Natal”, o diretor de programas terá visto no poema uma alusão à guerra colonial, e era proibido dar notícias.

**Ao longo da sua carreira, como jornalista independente, enfrentou desafios específicos relacionados à liberdade de expressão?**

Quando fui convidado para Diretor-Coordenador de Informação e Programas da RTP, a minha primeira condição para aceitar foi garantir total autonomia, face à matéria de competências editoriais. E demiti-me do cargo, precisamente, por considerar intolerável uma intromissão da Administração na área editorial.

**Como descreveria a sua própria evolução pessoal desde o 25 de abril, e quais foram os fatores mais influentes nesse percurso?**

De uma posição também inicialmente contaminada procurei sempre evoluir. Apliquei-me

na pesquisa e leitura de obras teóricas sobre jornalismo. Penso que, também como resultado dessa preocupação, fui tendo a possibilidade de abraçar projetos profissionais cada vez mais exigentes.

**O que motivou a produção do documentário sobre a Guerra do Ultramar e como foi o processo de investigação para criar um trabalho tão aprofundado?**

O facto de não existir em televisão um trabalho que divulgasse o que tinha sido a guerra colonial. Quando me propus realizar a série, tinha a noção de que a guerra era, praticamente, desconhecida dos portugueses, pouco mais sabiam do que aquilo que a sua experiência lhes havia mostrado.

**Num debate na UMaia referiu que “para um jornalista a alternativa à verdade nunca será uma verdade alternativa, mas sim a mentira”. Como é que sugere que os jornalistas ajustem a sua abordagem e visão para garantir que as informações fornecidas ao público sejam precisas e pertinentes?**

A verdade é o objetivo do jornalismo. O que disse nessa entrevista está relacionado com o ambiente em que vivemos e em que as redes sociais passaram a ter um papel incontornável, mas também na divulgação de *fakenews*. O jornalismo está obrigado a denunciar a mentira e a manipulação que passaram até a atuar organizada e com objetivos.

“No meu caso, mudou (a liberdade) como cidadão e como profissional, uma vez que passei a exercer o jornalismo da única forma em que ele é: livre”.

“Demiti-me do cargo de Diretor-Coordenador de Informação e Programas da RTP, precisamente, por considerar intolerável uma intromissão da Administração na área editorial”.



Furtado abriu as comemorações do 50º aniversário do 25 de abril na Câmara Municipal de Gondomar



Joaquim Furtado na comemoração dos “50 anos de abril”



# MEMÓRIAS PARA UM FUTURO MELHOR

Beatriz Viana, Gabriel Viana, Tiago Mota

**Laura Viana e Vera Viana, mãe e filha, sentiram os efeitos da guerra colonial e do 25 de abril. Durante a entrevista sublinham o medo vivenciado nos diferentes momentos e como as novas gerações podem aprender com estes acontecimentos.**

## Como foi viver em Portugal antes do 25 de abril?

Em Portugal vivi, casei, tive filhos e foi muito difícil, porque trabalhava muito e não tinha tempo para ver os meus filhos, por isso decidi imigrar. Fui para Maputo, os meus filhos foram para um colégio sem pagar e eu não trabalhava longe. Vivia otimamente, era muito bonito.

## Como foi a sua experiência durante o 25 de abril em África?

Começaram a dizer para termos mais cuidado, porque ia haver uma revolução. Eu trabalhava, mas sempre preocupada porque os meus filhos estavam na escola. Eu tive de deixar de trabalhar, os meus filhos ficavam em casa isolados, havia filas para comprar pão, não podíamos ir às compras que não havia nada.

## Como a guerra e o 25 de Abril influenciaram a sua vida e a sua família?

Eu sofria de uma maneira diferente. Eu não

queria mostrar medo às crianças, mas elas já compreendiam tudo. Tenho um filho mais novo que ficou gago, a minha filha mais velha já compreendia mais e começámos a pensar em sair de lá.

## Como foi viver sob ocupações e restrições durante o conflito?

Foi terrível, nós não podíamos sair de casa. Tudo era “dos brancos”, nós íamos ser escravos deles. Foi muito complicado, nós vivíamos sempre com medo. Só os homens conseguiam sair à rua. A carrinha onde o meu marido vinha do serviço era sempre assaltada e decidiram fechar. Depois começámos a resolver tudo, já que não dava nada viver ali.

## Como foram os sentimentos da população portuguesa em relação à independência das colónias africanas após a guerra?

Após a guerra foi complicado, porque foi cada um para o seu lado, os que puderam fugir, fugiram, mas teve muita gente que lá ficou. Eu

tenho uma amiga, a madrasta e ela ficou lá. Eu encontrei-a no Facebook passados muitos anos e ela disse-me: “Se eu soubesse, eu tinha pedido para ir embora contigo”.

## O que acha que as pessoas devem aprender com o período da guerra colonial e com o 25 de abril?

Devem aprender a ser mais humanos, a ter mais respeito pelo ser humano. Nós somos todos iguais, não importa a cor, nós temos sangue igual

## A sua vida pessoal ainda é marcada por estes conflitos?

Ainda é, porque eu ainda me lembro muito daquilo que deixei. Deixei muitas amizades, vivi 4 anos com umas amigas muito bonitas. Não era só branco, eram indianos, negros, sempre tivemos uma amizade boa. Isto tornou-se boas memórias de lá, ir à janela e ver o carro a desinfetar as ruas as casas por causa dos mosquitos, aqui não se vê nada.



“Devem aprender a ser mais humanos”

## Acha que estes conflitos irão conseguir mudar a forma de pensamento das pessoas? Se sim, de que maneira?

A gente pensa totalmente diferente, eu nunca fui ambiciosa. A minha ambição era família, ter um trabalho e seguir em frente, ter filhos, e eu sou feliz com eles. A gente lembra-se do passado e tentamos sempre demonstrar às pessoas aquilo que nós passamos, rezando para que eles não passem por aquilo, porque o meu maior medo atualmente é uma guerra que possa chegar cá.

## A RETORNADA “EXTRATERRESTRE”

Mariana Ferreira, Matilde Cardoso e Sofia Baptista

**Manuela Gabriel, 68 anos, nascida em Portugal, vivenciou o 25 de abril a um oceano de distância. Em busca de uma vida melhor, emigra para Moçambique, regressando, 10 anos depois, para um país completamente diferente daquele que deixou. Recorda: “era como se fôssemos um extraterrestre”**



Manuela Gabriel, em Custóias

## O que motivou a sua ida para Moçambique?

Uma vida melhor. Aqui em Portugal, algumas pessoas, a maior parte, vivia mal e fui em busca de uma vida melhor. Era para isso que as pessoas iam para África, para ter uma vida melhor.

## Como é que foi vivido o 25 de abril em Moçambique?

Não sentimos muito, só soubemos. Não sentimos nada de revoluções nem nada. Só soubemos pelos jornais que houve uma revolução e nem percebíamos a dimensão do que podia

acontecer com o 25 de abril.

## A rádio foi tão importante para propagar a informação em Moçambique como foi em Portugal?

Não, porque eles não deixavam transmitir as coisas. Ia se dizendo, mas não se podia falar abertamente. Falava-se do 25 de abril, agora, havia a rádio que lhes dizia a eles, na língua deles “vocês vão ficar com tudo, vão ficar com as mulheres, com as casas” e os próprios criados começaram-se a revoltar.

## O que a motivou a voltar para Portugal?

A instabilidade política, porque como achavam que estavam na terra deles, que efetivamente estavam, começaram a maltratar-nos e tudo servia de pretexto para se vingarem de nós. Não podíamos levantar dinheiro e tudo o que trazíamos de Portugal ficava retido nos contentores e as pessoas não se sentiam confortáveis e queriam voltar para Portugal.

## Como foi esta mudança de Moçambique para Portugal?

A experiência não foi boa, foi muito má porque uma pessoa lá tinha uma vida confortável e chegou a Portugal sem nada. Estive numa pensão, porque não tinha casa. O Estado na altura dava alojamento aos retornados, o IARN dava alojamento, dinheiro não, alguns se calhar davam, mas a mim nunca me deram um tostão. O meu marido por sorte arranjou logo trabalho em São João da Madeira. Ia todos os dias para lá e trabalhava numa empresa muito grande. Foram tempos muito difíceis porque em Moçambique tínhamos uma vida

boa e chegamos a Portugal e não tínhamos nada e ainda eramos mal vistos e escorraçados.

## Como foi ser considerada um retornada?

Era como se nós fôssemos uns extraterrestres, como se estivéssemos a invadir e a tirar direitos de um país que também era nosso. Chegamos aqui e fomos maltratados, diziam que nos iam tirar os empregos, que devíamos ter ficado lá. Durante muitos anos viram nos com muitos maus olhos, eramos uns invasores.

## Olhando para trás como caracteriza esta fase da sua vida?

Uma época muito difícil em que uma pessoa se tinha de adaptar a muita coisa. Era o frio a que não estávamos habituados e um Porto que não era o que é hoje. Nós viemos de uma terra linda, aberta, sol e calor, para uma terra gelada, com poucas condições em casa e o Porto era feio na altura, era muito escuro, comparado com aquilo que tínhamos, foi uma diferença muito grande.



# ETERNO ABRIL: 50 ANOS DA MUDANÇA



Carolina Freitas, Sara Lopes e Luiza Boldescu

**Rosa Candida Castro e Maria Adriana Castro, professoras primárias, difundiram os ideais do 25 de abril durante décadas, junto de centenas de crianças. “Para as mulheres não havia direitos nenhuns.”, afirma Rosa Castro.**

**Como se aperceberam que estava de facto a acontecer uma revolução no país?**

**Rosa:** Tínhamos consciência que vivíamos numa ditadura. Houve o dia D que aconteceu o 25 de abril, nas vésperas tomei o conhecimento de situações que se estavam a viver. O meu irmão, capitão de abril, vinha muitas vezes ao Porto e dizia que estava para breve. Foi mesmo na véspera do 25 de abril que o meu irmão apareceu em minha casa enquanto eu e o marido estávamos a dormir e toca-nos à campainha bastante disfarçado. Ele não conhecia muito bem o Porto, então pediu ao meu marido para ir com ele, para lhe ensinar os sentidos da cidade, porque “havia umas voltas que se tinham que fazer”.

**Têm alguma história que envolva a PIDE?**

**Rosa:** Nós trabalhávamos juntas, éramos professoras de deficientes visuais. Uma vez por ano nós fazíamos uma festa grande.

Muitos aprenderam a tocar viola e tocavam canções do Zeca Afonso. Então nós pensamos: “vamos convidá-lo”, porque já sabíamos quem ele era e gostávamos das canções dele. Quando apareceu o nome do Zeca começaram a pôr problemas: “esta data não, este senhor não”, porque claro onde aparecesse era dito comunista e...

**Maria Adriana:** Era um homem contra o regime.

**Rosa:** ...era um homem contra o regime e nós éramos também mas andávamos à sombra. Assim, lembramos-mos de pedir a sala às freiras do colégio do Rosário. Não sei se as freirinhas não se aperceberam de quem era o Zeca, ou se não se importaram, sei que correu muito bem.

**Maria Adriana:** Formaram uma associação de apoio aos familiares de presos políticos, e ele trouxe nos essa lista que era para nós também angariarmos fundos, para os familiares dos presos políticos.

**Rosa:** Acontece que uma colega nossa que era muito despistada perdeu a carteira, a polícia apanhou a carteira e viu a lista que estava lá, portanto ficou se a saber que o Zeca Afonso estava cá. A PIDE rondou a festa, mas não prendeu ninguém, e a carteira depois apareceu na polícia.

**Maria Adriana:** Quando ela foi lá buscar a carteira eles diziam: “não lhe falta nada?” e fal-

tava a lista.

**Rosa:** Depois de o Zeca ter ido embora foram à escola falar com a diretora, quiseram a identificação de todos, perguntaram se tínhamos alguma atividade subversiva, que era o termo que se usava. Foi nos avisado: “Nas vossas casas tentem esconder livros e discos”, por serem subversivos ao regime, apesar de nunca nos terem ido a casa. No São João, no mesmo ano, levaram o nosso amigo arrastado para a polícia para a Batalha, e aí ficamos a cantar em frente a polícia coisas revolucionárias a noite toda, e a polícia a ameaçar nos. Lá foi maltratado, bateram-lhe, e ele era inocente.

**Maria Adriana:** Mesmo que não tivessem feito nada tinham de confessar alguma coisa, por isso era com ameaças e com maus-tratos, não eram com palavras meigas.

**Como era ser professora no governo de Salazar?**

**Maria Adriana:** Aí era muito lindo (ironicamente). Para já havia um programa que se tinha de cumprir religiosamente, não se podia sair daquilo.

**Rosa:** Era o livro único.

**Maria Adriana:** Depois havia umas regras de

comportamento para as professoras, muito rigorosas. Não se podiam usar calças, não nos podíamos pintar, não se devia fazer uma série de coisas que hoje são vulgaríssimas.

**Rosa:** Não podíamos casar sem autorização, assinamos uma declaração anticomunista quando tomamos posse, que não exercíamos qualquer atividade subversiva.

**Atualmente ainda há quem defenda o tempo de Salazar, o que têm a dizer a esta afirmação?**

**Maria Adriana:** Na minha opinião são pessoas incultas que não têm o mínimo de cultura senão não diziam isso, não sabem como era a vida nessa altura, ou eram pessoas que viviam em situações muito fechadas e não se apercebiam do que passava, ou então pouco cultas, acho que é uma falta de cultura essencialmente.

**Rosa:** Se forem pessoas muito novas é porque realmente não podem fazer a comparação se não lerem ou se não lhes forem transmitidos os factos não sabem, se são pessoas mais velhas é realmente como diz a minha irmã. Nós que trabalhávamos com meninos que vinham descalços para a escola, com a barriga a dar horas, com piolhos, sem guarda-chuva, sabemos

o que é o fascismo.

Para as mulheres não havia direitos nenhuns, reformas, agora as pessoas acham que a reforma mínima é muito pouco, mas antes não havia nada, os velhinhos ficavam sem nada, não tinham reforma nenhuma, havia pedintes.

“  
Nós que  
trabalhávamos com  
meninos que vinham  
descalços para a  
escola e com a barriga  
a dar horas, sabemos  
o que é o fascismo”.



As irmãs Maria Adriana e Rosa Cândida, durante a entrevista

# OPINIÕES

**“Liberdade é viver sem correntes”**

Sofia Fontes

**“25 de abril, a primavera da liberdade portuguesa, que devolveu voz ao povo e a esperança de um país melhor”**

Mariana Ferreira

**“Que a liberdade nunca nos falte, eterno Abril sempre”**

Sara Lopes

**“Liberdade é o grito eterno que ecoa desde o 25 de abril”**

Diana Martins

**“A liberdade floresce quando a coragem supera as sombras da opressão”**

Sofia Baptista

**“A verdadeira liberdade é conquistada com o sacrifício de muitos, para que as futuras gerações possam viver em paz e dignidade”**

Carolina Freitas

**“Liberdade, um bem precioso, essencial à vida do Homem”**

Alice Sousa

da redação

